

# SAÚDE MENTAL SEM MUROS: OFICINA NO CAPS II E A PERSPECTIVA ANTIMANICOMIAL

MENTAL HEALTH WITHOUT WALLS: WORKSHOP AT CAPS II AND THE ANTI-ASYLUM PERSPECTIVE

Ana Luísa Rodrigues Fonseca<sup>1</sup>

Lívia Mariane Martins de Lima<sup>2</sup>

Maria Julia Campos Nonato<sup>3</sup>

Ana Luísa Rodrigues Fonseca<sup>4</sup>

Rosilene da Silva Xavier<sup>5</sup>

Stephanny Christian da Silva<sup>6</sup>

Vithória Figueiredo Soares das Chagas<sup>7</sup>

## RESUMO

O projeto teve como objetivo promover a conscientização sobre a saúde mental e a Luta Antimanicomial por meio de uma oficina de artes visuais realizada com usuários do CAPS II. A proposta justificou-se pela necessidade de fortalecer práticas de cuidado humanizadas, incentivar a expressão de subjetividades e contribuir para a redução dos estigmas associados ao sofrimento psíquico. Como metodologia, foram desenvolvidas atividades de desenho, pintura e colagem, possibilitando aos participantes expressarem sentimentos, experiências e percepções de forma criativa. Posteriormente, as produções artísticas foram expostas em um mural na faculdade, aproximando a comunidade acadêmica das vivências dos usuários do serviço. Os resultados evidenciaram o fortalecimento da autonomia, do protagonismo e da inclusão social dos participantes, além de promover reflexões sobre saúde mental entre estudantes e demais integrantes da instituição. Conclui-se que a utilização da arte como instrumento de cuidado e expressão favorece a valorização das singularidades dos sujeitos, contribui para a desconstrução de preconceitos e fortalece os princípios da Reforma Psiquiátrica e da Luta Antimanicomial, gerando impacto social relevante e ampliando o diálogo entre universidade e comunidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Saúde mental; Luta Antimanicomial; Arte; CAPS II.

## ABSTRACT

The project aimed to promote awareness of mental health and the Anti-Asylum Movement through a visual arts workshop conducted with users of a CAPS II Psychosocial Care Center. The proposal was justified by the need to strengthen humanized care practices, encourage the expression of subjectivities, and contribute to reducing the stigma associated with psychological distress. The methodology consisted of drawing, painting, and collage activities, enabling participants to creatively express their feelings, experiences, and perceptions. Subsequently, the artworks were exhibited on a mural at the college, bringing the academic community closer to the experiences of the service users. The results demonstrated the strengthening of participants' autonomy,

---

<sup>1</sup> Graduando no curso de Psicologia pela Faculdade Católica de Pará de Minas (FAPAM).

<sup>2</sup> Graduando no curso de Psicologia pela Faculdade Católica de Pará de Minas (FAPAM).

<sup>3</sup> Graduando no curso de Psicologia pela Faculdade Católica de Pará de Minas (FAPAM).

<sup>4</sup> Graduando no curso de Psicologia pela Faculdade Católica de Pará de Minas (FAPAM).

<sup>5</sup> Graduando no curso de Psicologia pela Faculdade Católica de Pará de Minas (FAPAM).

<sup>6</sup> Graduando no curso de Psicologia pela Faculdade Católica de Pará de Minas (FAPAM).

<sup>7</sup> Graduando no curso de Psicologia pela Faculdade Católica de Pará de Minas (FAPAM).

protagonism, and social inclusion, while also promoting reflections on mental health among students and other members of the institution. It is concluded that the use of art as a tool for care and expression fosters the appreciation of individuals' singularities, contributes to the deconstruction of prejudice, and reinforces the principles of the Psychiatric Reform and the Anti-Asylum Movement, generating significant social impact and expanding the dialogue between the university and the community.

**KEYWORDS:** Mental Health; Anti-Asylum Movement; Art; CAPS II.

## 1 INTRODUÇÃO

A saúde mental constitui um dos grandes desafios contemporâneos, especialmente no que se refere ao acesso a cuidados humanizados e inclusivos. Nesse contexto, torna-se fundamental desenvolver estratégias que ampliem os espaços de escuta, expressão e protagonismo dos sujeitos.

O presente projeto propõe uma oficina de artes visuais no CAPS II, compreendendo a arte como linguagem capaz de expressar subjetividades e promover autonomia e reintegração social. A iniciativa relaciona-se às transformações impulsionadas pela Reforma Psiquiátrica e pela Luta Antimanicomial, que defendem práticas territoriais e comunitárias em substituição ao modelo hospitalocêntrico. Apesar dos avanços, ainda persistem estigmas que marginalizam usuários dos serviços de saúde mental e limitam sua participação social.

Assim, o projeto justifica-se pela necessidade de aproximar práticas de cuidado psicossocial da comunidade acadêmica, fortalecendo vínculos e promovendo uma cultura de respeito e inclusão. A arte, nesse contexto, é compreendida como um canal privilegiado de expressão, capaz de traduzir sentimentos e experiências que muitas vezes não encontram espaço na linguagem verbal.

## 2. OBJETIVO

Desenvolver uma oficina de artes visuais (desenho, pintura, colagem e outros) no CAPS II que funcione como espaço coletivo de escuta, expressão, convivência e fala, articulando práticas de cuidado em saúde mental com os princípios da luta antimanicomial e dando visibilidade às suas produções através de um mural na faculdade, para expandir o diálogo entre comunidade acadêmica e sociedade.

## 3. JUSTIFICATIVA

A promoção da saúde mental se consolida como um dos grandes desafios atuais, em especial devido aos crescentes transtornos psíquicos e desafios no acesso a cuidados humanizados. Pensando nisso, este projeto está diretamente relacionado ao Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 3 (ODS 3) da ONU, que procura garantir uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades.

Precisamente, o projeto irá contribuir para a meta 3.4, que tem por objetivo favorecer a saúde mental e o bem-estar, destacando a importância de estratégias que promovam o cuidado integral.

No Brasil, a atenção em saúde mental foi calejada por importantes transformações a partir da Reforma Psiquiátrica e da Luta Antimanicomial, que propõe o abandono do modelo hospitalocêntrico por práticas territoriais, inclusivas e focadas no indivíduo. Em razão disto, os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) destacam-se como os principais dispositivos de viabilização do cuidado em liberdade, tendo como norte a autonomia e uma escuta qualificada, bem como a reintegração social do usuário. Contudo, mesmo com as conquistas, existem desafios significativos, como o estigma social atrelado à dor psíquica, a exclusão simbólica desses sujeitos e a escassez de espaços onde podem se expressar e também protagonizar (AMARANTE, 2007).

A falta ou precariedade de ações que valorizem a subjetividade dos usuários dos serviços de saúde mental mostra-se um ponto cego no campo do cuidado psicossocial. São varridas para o silêncio, ou resumidas a rótulos diagnósticos que reforçam processos de marginalização, dificultando a construção de identidades autônomas. Além disso, o desconhecimento da sociedade sobre as práticas da Luta Antimanicomial também reforça preconceitos e estigmatização acerca da saúde mental. Conforme defende Franco Basaglia (1985) que a compreensão da doença mental não pode ser dissociada das condições sociais que a produzem e a mantêm.

Perante tal contexto, este projeto se justifica pela necessidade de criar espaços coletivos em que pautese a escuta e a expressão e se reconheça os usuários do CAPS II como agentes ativos em seus processos de cuidado. Realizar uma oficina de artes visuais configura-se como uma estratégia eficaz, na medida que abre um canal para se expressar sentimentos, vivências e conhecimentos que às vezes não acham lugar na linguagem verbal. Simultaneamente, a proposta de exposição das produções no espaço acadêmico dá maior visibilidade a essas vozes, estabelece diálogo comunidade/faculdade e pode influenciar positivamente a sociedade. Ao articular a arte, a escuta e a participação social, o projeto promove o desenvolvimento da autonomia dos participantes, amplia seus espaços de fala e fortalece práticas de cuidados humanizados e inclusivos, ao mesmo tempo em que traz reflexões e no meio acadêmico acerca da importância da Luta Antimanicomial.

#### **4. METODOLOGIA**

A metodologia deste projeto foi elaborada com o intuito de alcançar os objetivos propostos, visando à conscientização acerca da luta antimanicomial de forma estruturada, participativa e humanizada.

Para isso, serão adotadas estratégias que envolvem a interação direta com os usuários do Centro de Atenção Psicossocial II (CAPS II), promovendo um espaço de escuta, expressão e construção coletiva.

**a) Oficina de arte:** Inicialmente, será realizada uma oficina com os usuários do CAPS II, articulando atividades de saúde mental com os princípios da luta antimanicomial. A oficina terá como foco a expressão por meio de artes visuais, como desenho, pintura e colagem, possibilitando que os participantes expressem sentimentos, vivências e percepções de forma livre e subjetiva. Dessa forma, busca-se promover a escuta dos participantes por meio da arte, compreendida, à luz das contribuições de Nise da Silveira, como uma importante via de acesso ao mundo interno e de expressão de conteúdos subjetivos.

**b) Exposição:** Posteriormente, será organizada uma exposição em um mural da faculdade com as produções desenvolvidas pelos usuários durante a oficina. Essa atividade tem como objetivo dar visibilidade às expressões dos participantes, além de promover a aproximação entre a comunidade acadêmica e o CAPS II. Vale ressaltar que os participantes serão previamente informados acerca da finalidade acadêmica e expositiva do projeto, sendo solicitada a assinatura de um Termo de Autorização de Uso de Imagem e das produções artísticas, garantindo o consentimento para a divulgação dos registros e trabalhos desenvolvidos durante a oficina. Desse modo, busca-se fomentar reflexões acerca da saúde mental e da subjetividade, contribuindo para a construção de um pensamento crítico e para a sensibilização quanto à importância da luta antimanicomial. Tal iniciativa colabora para a desconstrução de estigmas relacionados à saúde mental, incentivando práticas mais inclusivas, humanizadas e respeitosas.

## 5. DESENVOLVIMENTO

O cuidado em saúde mental no Brasil passou por transformações significativas a partir do movimento da Reforma Psiquiátrica, consolidado a partir da década de 1980 e institucionalizado com a Lei nº 10.216/2001. Antes desse movimento, o tratamento destinado às pessoas em sofrimento psíquico era marcado pela exclusão social, institucionalização e violação de direitos humanos.

Historicamente, os hospitais psiquiátricos funcionavam como espaços de isolamento, afastando os indivíduos do convívio familiar e social. Nestes espaços, a barreira que separa o indivíduo do mundo exterior é rígida, levando ao que o Erving Goffman denomina de "instituição total". Sobre o impacto desse isolamento, Goffman afirma:

Sua característica principal pode ser descrita como a ruptura das barreiras que habitualmente separam as três esferas da vida: dormir, brincar e trabalhar. [...] Em uma instituição total, todas as fases da atividade diária do participante são realizadas no mesmo local e sob uma única autoridade. (GOFFMAN, 1974, p. 18).

Esse modelo psiquiátrico promoveu, ao longo dos anos, processos de despersonalização dos

indivíduos institucionalizados, retirando-lhes autonomia, vínculos sociais e participação na vida em comunidade. Muitas pessoas submetidas a longos períodos de internação passavam a ter sua identidade reduzida ao diagnóstico psiquiátrico, sendo privadas do exercício de direitos básicos e da convivência social. Além disso, as práticas desenvolvidas nesses espaços eram frequentemente marcadas por violência, medicalização excessiva e silenciamento das subjetividades, reforçando o estigma em torno do sofrimento psíquico e contribuindo para a marginalização dessas pessoas na sociedade.

Diante disso, a Luta Antimanicomial, apresenta a proposta de substituição do modelo hospitalocêntrico. Para Franco Basaglia, um dos maiores nomes do movimento, desinstitucionalizar não é apenas fechar as portas dos hospitais, mas quebrar a lógica de opressão. O foco passa a ser construir um cuidado que pense em liberdade, respeito à cidadania e valorização da subjetividade dos sujeitos em sofrimento psíquico (BASAGLIA, 1985).

Nesse contexto, os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) destacam-se como dispositivos estratégicos para o cuidado em saúde mental, desenvolvendo práticas que visam a reinserção social, o fortalecimento de vínculos e a autonomia dos usuários. Assim compreendendo que o cuidado em saúde mental deve ultrapassar a percepção apenas biomédica. Como reforça Amarante (2007), é preciso retirar o indivíduo do lugar de “objeto” da medicina para compreendê-lo como um sujeito também atravessado por aspectos sociais, culturais e subjetivos.

Diferentemente do modelo manicomial, serviços como o CAPS priorizam a construção de vínculos, a escuta qualificada e o desenvolvimento de atividades que favoreçam a socialização e a autonomia dos indivíduos em sofrimento psíquico. Nesse sentido, as oficinas terapêuticas tornam-se importantes estratégias dentro da atenção psicossocial, pois possibilitam a criação de espaços de convivência, troca de experiências e fortalecimento da subjetividade.

As práticas expressivas, como oficinas de arte, têm se destacado como grande ferramenta no campo da atenção psicossocial. De acordo com estudos, a utilização de linguagens artísticas como desenho, pintura e colagem, permite a expressão de sentimentos e experiências que muitas vezes não conseguem ser verbalizados, contribuindo para o processo terapêutico e para a construção de sentido pelos usuários (NISE DA SILVEIRA, 1981).

Nesse sentido, Menezes e Pegoraro (2019) afirmam que:

Cria-se um ambiente necessário para que o usuário tenha protagonismo, oportunidade de escolha, compreensão e se reconheça no papel de participante ativo e autônomo, que decide e ocupa um lugar político e social (Menezes & Pegoraro, 2019).

Para além, as oficinas coletivas promovem espaços de convivência e troca, fundamentais para o fortalecimento de vínculos sociais e para a construção de redes de apoio. Nesse sentido, tais práticas dialogam diretamente com os princípios da Luta Antimanicomial, ao romper com o isolamento e

promover a inclusão social dos sujeitos em sofrimento psíquico.

A realização de uma oficina de artes visuais em um CAPS II, portanto, configura-se como uma estratégia coerente com as diretrizes da atenção psicossocial. Ao proporcionar um espaço de escuta, expressão e criação, a atividade contribui para o fortalecimento da autonomia dos usuários, ampliando suas possibilidades de participação e protagonismo.

Ademais, a proposta de exposição das produções em ambiente acadêmico amplia o alcance da ação, promovendo a sensibilização da comunidade universitária para as questões relacionadas à saúde mental. Essa iniciativa contribui para a desconstrução de estigmas e preconceitos historicamente associados ao sofrimento psíquico, favorecendo a construção de uma sociedade mais inclusiva.

Outro aspecto relevante do projeto refere-se à exposição das produções artísticas dos usuários no ambiente acadêmico. A realização dessa atividade busca trazer diálogo entre a faculdade e a comunidade, além de promover reflexões sobre saúde mental e Luta Antimanicomial entre estudantes e demais integrantes da instituição. Ainda nos tempos de hoje, o sofrimento psíquico é cercado por estigmas e preconceitos que contribuem para a exclusão social das pessoas em tratamento mental.

Assim, iniciativas que aproximam a sociedade das vivências e produções dos usuários dos serviços de saúde mental tornam-se fundamentais para desconstruir estereótipos e promover uma cultura de respeito e inclusão.

A exposição das obras produzidas durante as oficinas também representa uma forma de dar visibilidade às vozes e experiências dos usuários do CAPS II, reconhecendo-os como sujeitos ativos, criativos e capazes de produzir cultura e conhecimento. Essa valorização contribui para o fortalecimento da autonomia e do protagonismo dos participantes, favorecendo sua inserção social e reafirmando os princípios defendidos pela Reforma Psiquiátrica e pela Luta Antimanicomial. Além disso, a interação entre comunidade acadêmica e usuários do CAPS possibilita a construção de novos olhares sobre a saúde mental, estimulando práticas cada vez mais humanizadas.

Dessa forma, o projeto articula prática e teoria ao propor uma intervenção que, além de promover cuidado em saúde mental, atua também como dispositivo político e social, alinhado aos princípios da Reforma Psiquiátrica e da Luta Antimanicomial.

## **6. APLICAÇÃO**

A etapa de aplicação prática deste projeto consistiu na realização de oficina de artes visuais no CAPS II e na exposição das produções artísticas no espaço acadêmico da FAPAM, buscando integrar teoria e prática em ações concretas de impacto social.

A oficina foi desenvolvida com atividades de desenho, pintura, colagem e outras técnicas,

promovendo um espaço coletivo de escuta, convivência e expressão livre. O objetivo foi possibilitar que os usuários do CAPS II traduzissem sentimentos e experiências subjetivas por meio da arte, fortalecendo sua autonomia e protagonismo. Durante a oficina, foram realizados registros em fotos e vídeos, além da coleta de depoimentos dos participantes, como forma de documentar os impactos e aprendizagens.

Posteriormente, foi organizada uma exposição em mural na faculdade, com as produções artísticas realizadas pelos usuários. Essa iniciativa buscou ampliar o diálogo entre comunidade acadêmica e sociedade, sensibilizando estudantes e demais integrantes da instituição para as questões relacionadas à saúde mental e à Luta antimanicomial. Os usuários foram previamente informados sobre a finalidade acadêmica e expositiva do projeto, sendo solicitada a assinatura de um Termo de Autorização de Uso de Imagem e das produções artísticas, garantindo ética e respeito às suas expressões.

Para comprovar a execução e os resultados, foram coletadas evidências como imagens das oficinas e da exposição no mural. Essas evidências serviram não apenas como validação das ações realizadas, mas também como material de divulgação e reflexão, permitindo que outras pessoas conheçam e se inspirem nas práticas desenvolvidas.

O impacto esperado incluiu o fortalecimento da autonomia dos usuários do CAPS II, a ampliação dos espaços de fala e expressão, a valorização das subjetividades e a sensibilização da comunidade acadêmica acerca da importância da Luta Antimanicomial. Dessa forma, a aplicação prática consolidou o projeto como uma ação transformadora, que une cuidado psicossocial, arte e participação social, reafirmando os princípios da Reforma Psiquiátrica e da Luta Antimanicomial.

## **7. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esse projeto teve como objetivo principal ampliar a conscientização da Luta Antimanicomial, buscando a aproximação da comunidade geral com o equipamento do CAPS e seu funcionamento. Ao longo do desenvolvimento, foram realizadas diversas etapas, desde a pesquisa bibliográfica até a aplicação prática, as quais nos permitiram ter mais conhecimento sobre as vivências dos usuários e propagar a relevância do impacto positivo dos Centros de Atenção Psicossociais no tratamento da saúde mental.

Uma das experiências mais significativas foi a criação do vínculo com os pacientes durante a prática do projeto, na qual enfrentamos uma certa resistência de início, mas conseguimos fazer com que os usuários se sentissem mais confortáveis e dispostos a participar da oficina. Essa vivência nos mostrou a importância da relação entre profissionais e pacientes, que fortalece o tratamento terapêutico.

Os resultados mostraram que apoiar a autonomia dos pacientes traz benefícios significativos para o desenvolvimento deles, como quando, ao final da oficina, os usuários relataram o quanto se sentiram valorizados e satisfeitos com a oportunidade de expressarem sua própria subjetividade. No entanto, identificamos uma dificuldade no desenvolvimento das dinâmicas e na execução do projeto, o que nos levou a refletir sobre a adaptação das estratégias às necessidades do grupo.

O impacto gerado foi significativo, especialmente na fala dos usuários ao descreverem suas experiências com o projeto. Um dos participantes relatou que já esteve em hospitais psiquiátricos, tendo vivido uma experiência muito negativa, valorizando o serviço oferecido pelo CAPS, o que reforçou a importância do acolhimento humanizado e do cuidado em liberdade na promoção da saúde mental e da qualidade de vida dos usuários.

Esse projeto nos ensinou a importância do cuidado e do acolhimento com os pacientes do CAPS, além da necessidade de apoiar a autonomia dos usuários, desenvolvendo habilidades como escuta, observação e cuidado. Esses aprendizados serão fundamentais para nossa prática futura como profissionais de saúde. Para futuras ações, sugerimos a ampliação das oficinas terapêuticas e a realização de encontros periódicos que favoreçam a expressão da subjetividade, a autonomia e o fortalecimento dos vínculos entre os usuários, como forma de ampliar o impacto do projeto e contribuir ainda mais para o bem-estar psicossocial e a qualidade de vida dos participantes.

## 8. ANEXOS





## REFERÊNCIAS

AMARANTE, Paulo. **Saúde mental e atenção psicossocial**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007.

BASAGLIA, Franco. **A instituição negada**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Lei nº 10.216, de 6 de abril de 2001**. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Brasília, 2001. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/leis\\_2001/110216.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110216.htm). Acesso em: 6 maio 2026.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

MENEZES, G. P.; PEGORARO, R. F. Panorama das atividades grupais desenvolvidas em centros de atenção psicossocial (2006–2016). **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 39, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003189050>. Acesso em: 19 mar. 2026.

SILVEIRA, Nise da. **Imagens do inconsciente**. Rio de Janeiro: Alhambra, 1981.